

A docência é desafio: Racionais MC's, estigma e reconhecimento no ensino de literatura

TEACHING IS A CHALLENGE: RACIONAIS MC'S, STIGMA AND RECOGNITION IN LITERATURE TEACHING

Fernanda Castilho Santana

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil; Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) – Faculdade de Tecnologia de Barueri (Fatec Barueri), Barueri, SP, Brasil. E-mail: fernanda.santana@fatec.sp.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-0554>.

Luis Otávio Vilela da Cruz

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. E-mail: luisvilelajuridico@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8416-1319>.

Resumo: Este trabalho analisa uma prática docente desenvolvida no Cursinho Popular da Farmácia, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto/SP, no segundo semestre de 2021, a partir do uso de letras dos Racionais MC's no ensino de literatura. O objetivo foi compreender como esse repertório pode legitimar vozes periféricas, tensionar estigmas e fortalecer processos de leitura crítica socialmente situada. Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, organizada como relato analítico de experiência com narrativa autobiográfica em terceira pessoa. O corpus reuniu memórias docentes, planejamento de aulas, anotações de acompanhamento e registros de comentários orais e escritos dos estudantes nas atividades remotas. Os resultados indicam ampliação da participação discente, fortalecimento do sentimento de pertencimento e maior aproximação entre leitura literária e experiência social, embora sem instrumentos formais de mensuração retrospectiva. Conclui-se que o trabalho com os Racionais MC's pode contribuir para uma docência mais sensível ao território, à comunidade e à legitimidade de repertórios historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Docência crítica; Ensino de literatura; Racionais MC's; Estigma; Reconhecimento social.

Abstract: This paper analyzes a teaching practice developed in the Popular Pharmacy Preparatory Course at the School of Pharmaceutical Sciences of Ribeirão Preto, University of São Paulo, during the second semester of 2021, based on the use of Racionais MC's lyrics in literature classes. The objective was to understand how this repertoire can legitimize peripheral voices, challenge stigma, and strengthen socially situated critical reading. Methodologically, the study is grounded in qualitative, interpretive research and is organized as an analytical experience report through a third-person autobiographical narrative. The corpus gathered teaching memories, lesson plans, follow-up notes, and records of students' oral and written comments in remote activities. The results indicate increased student participation, a stronger sense of belonging, and a closer relationship between literary reading and social experience, although without formal retrospective measurement instruments. The study concludes that working with Racionais MC's may contribute to teaching practices more attentive to territory, community, and the legitimacy of historically marginalized cultural repertoires.

Keywords: Critical teaching; Literature teaching; Racionais MC's; Stigma; Social recognition.

Apresentação do estudo/trabalho/projeto

O presente trabalho analisa uma prática docente desenvolvida no Cursinho Popular da Farmácia, iniciativa de extensão vinculada à Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto/SP, durante o segundo semestre de 2021. Conforme o projeto pedagógico da unidade, o cursinho oferece preparação gratuita para vestibulares a estudantes de baixa renda e se organiza também como espaço de formação cidadã, acolhimento e desenvolvimento de habilidades docentes por parte de graduandos e pós-graduandos que nele atuam como voluntários (Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto, 2022). Na frente de obras literárias, a experiência aqui analisada ocorreu em duas turmas, cada uma com cerca de 20 estudantes, acompanhadas por dois professores voluntários em duas frentes complementares de leitura, discussão e orientação. Esse recorte adquire relevância adicional porque se deu em regime remoto, ainda sob os efeitos diretos da pandemia de Covid-19, em um período em que o segundo semestre letivo da graduação na USP iniciou com aulas teóricas oferecidas de maneira remota, conforme a Portaria GR nº 7670, de 12 de agosto de 2021 (Universidade de São Paulo, 2021). Foi nesse quadro que a docência se organizou: diante de telas, instabilidade de conexão, cansaço acumulado, rotinas familiares atravessadas pela crise sanitária e pela precarização do cotidiano, mas também diante da urgência de manter vínculos e de sustentar algum horizonte formativo em meio à suspensão da convivência presencial. Embora extensionista, a atividade não se restringia ao cumprimento de uma função institucional. Ela se configurava como espaço concreto de travessia entre universidade e comunidade num momento em que essa ponte se encontrava fragilizada pela distância física e pelas incertezas da crise sanitária. Em outras palavras, o cursinho não servia apenas para preparar estudantes para provas; servia também para sustentar uma rotina de estudo e uma sensação mínima de continuidade em um período marcado por perdas, interrupções e reorganização forçada do cotidiano.

A proposta nasceu da percepção de que, em contextos populares, o ensino de literatura perde potência quando se limita à transmissão de conteúdos consagrados pelo currículo e ignora os repertórios que já circulam na vida dos estudantes. Ao contrário, a docência ganha densidade quando reconhece, com Freire (1996), que a leitura da palavra não se separa da leitura do mundo e que a escolha dos textos trabalhados em aula interfere diretamente nos modos de pertencimento, participação e produção de sentido. A seleção dos Racionais MC's surgiu do entendimento de que suas letras formulam, em linguagem estética e política, questões centrais para a experiência social brasileira: racismo estrutural, violência estatal, desigualdade, encarceramento, estigma territorial, ausência de oportunidades e sobrevivência cotidiana nas periferias urbanas. Ao entrar na aula como objeto legítimo de leitura e interpretação, esse repertório tensiona a hierarquia que costuma reservar o estatuto de pensamento ao cânone tradicional e empurra a cultura periférica para a posição de exemplo secundário, curiosidade ou recurso motivacional. A proposta, por isso, impli-

cava desde o início uma escolha pedagógica e política: ensinar literatura sem separar forma, conflito social e voz histórica (Adorno, 1995; Faria, 2018). A opção por esse repertório também respondia a um problema recorrente da educação literária em contextos de desigualdade: a sensação de que os textos escolares falam de um mundo ao qual os estudantes não pertencem. Ao trabalhar com canções que nomeiam a periferia por dentro, a proposta buscou reduzir essa distância sem abrir mão da exigência interpretativa. A aposta foi a de que repertório próximo pode significar aumento de complexidade, desde que a mediação docente trate a linguagem cultural dos estudantes como matéria digna de análise e não apenas como ilustração passageira.

O objetivo do estudo foi compreender de que modo a mediação pedagógica com letras dos Racionais MC's, no ensino de literatura, pode contribuir para legitimar vozes periféricas, tensionar estigmas associados à periferia e fortalecer processos de leitura crítica socialmente situada. A relevância da proposta se amplia quando se considera o momento em que foi realizada. O segundo semestre de 2021 não foi apenas o período final da graduação do docente em Direito; foi também um tempo em que a experiência universitária, a atuação extensionista e a própria prática de ensino estavam profundamente marcadas pela pandemia, pelo ensino remoto emergencial e pelas exigências de reorganização do trabalho pedagógico. Estudos sobre o período mostram que o ensino superior precisou conciliar continuidade acadêmica, exaustão docente, desigualdade de acesso às tecnologias e impacto emocional sobre estudantes e professores, o que tornou a mediação pedagógica mais complexa e, ao mesmo tempo, mais necessária (Bollela; Medeiros; Telles, 2021; Fialho; Neves, 2022). Nesse sentido, a experiência aqui analisada interessa justamente por mostrar como, em meio à crise sanitária e ao fechamento dos espaços presenciais, a aula de literatura pôde operar como lugar de leitura, escuta e elaboração de uma realidade social agravada pela pandemia. Ao discutir como a prática docente em espaços populares articula cultura, comunidade e formação crítica sem reduzir a cultura popular a expediente didático secundário, o trabalho busca contribuir para a área de Linguagens, Letras e Artes e para o debate mais amplo sobre docência, extensão e direito à educação em tempos de instabilidade (Dayrell, 2002; Dayrell, 2003; Zanardine, 2015). A condição de concluir a graduação em Direito enquanto se ensinava literatura em um cursinho popular remoto atravessou a experiência de maneira decisiva. Ela intensificou a percepção de que o ensino, naquele momento, estava menos ligado a especializações estanques do que à capacidade de colocar saberes em movimento para responder a problemas reais. Em meio ao fechamento de um ciclo formativo e às demandas excepcionais da pandemia, a prática docente passou a ser também espaço de elaboração do próprio lugar profissional e intelectual do educador.

DESCRIÇÃO E/OU DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO/TRABALHO/PROJETO

O estudo foi desenvolvido com base em abordagem qualitativa, de orientação interpretativa, por meio de narrativa autobiográfica escrita em terceira pessoa. O delineamento adotado foi o de relato analítico de experiência, entendido não como simples rememoração

pessoal, mas como forma de produzir conhecimento sobre a prática docente ao revisitar processos, tensões, deslocamentos e sentidos construídos em contexto específico. O corpus reuniu memórias da atuação docente, planejamento das aulas, anotações pessoais de acompanhamento, registros de comentários orais e escritos dos estudantes nas atividades remotas, além da rememoração posterior de episódios considerados significativos para a compreensão das relações entre literatura, estigma, exclusão e reconhecimento social. Subsidiariamente, o trabalho mobilizou elementos de inspiração etnográfica, sobretudo na atenção ao cotidiano da sala virtual, às formas de presença e ausência, aos modos de participação dos estudantes e à circulação dos repertórios culturais durante os encontros. Não houve, por se tratar de reconstrução retrospectiva da experiência, aplicação formal de questionários ou entrevistas com os estudantes; as percepções discente consideradas derivam de falas em aula, mensagens no chat, devolutivas espontâneas em atividades interpretativas e registros do próprio docente, lidos criticamente à luz da pedagogia crítica e das abordagens (auto)biográficas em educação. Esse recorte metodológico impõe limites de generalização, mas é coerente com a intenção de compreender uma prática situada em sua densidade social, formativa e relacional (Sampieri; Collado; Lucio, 2013; Frison; Sá-Chaves, 2011; Souza; Senna, 2023). A escolha por uma narrativa autobiográfica em terceira pessoa procurou responder a uma dupla exigência: manter a implicação subjetiva própria da autorreflexão e, ao mesmo tempo, organizar o relato de forma analítica e compartilhável. Em vez de apresentar a memória como prova imediata, o texto a trata como material que precisa ser filtrado, comparado, relido e interpretado, sobretudo quando a experiência é atravessada por um contexto extraordinário como o da pandemia. Isso significa admitir que o vivido não fala sozinho; ele precisa ser trabalhado metodologicamente para se converter em conhecimento relevante sobre docência, cultura e mediação pedagógica.

A experiência ocorreu em um momento particularmente tensionado. O cursinho funcionava remotamente no segundo semestre de 2021, em um quadro ainda fortemente condicionado pela pandemia, pelo distanciamento social e pela reorganização das atividades universitárias. A própria USP estabeleceu, naquele momento, que as aulas teóricas da graduação seriam inicialmente oferecidas de maneira remota, admitindo continuidade remota ou mista para esse tipo de atividade conforme a realidade de cada unidade (Universidade de São Paulo, 2021). Em paralelo, reflexões produzidas no âmbito da própria universidade apontavam que a educação remota exigia reconfiguração acelerada de estratégias de ensino, familiaridade com plataformas digitais, revisão da relação pedagógica e especial cuidado com permanência, engajamento e suporte emocional aos estudantes (Bollela; Medeiros; Telles, 2021). No caso do Cursinho Popular da Farmácia, esse contexto incidia de forma ainda mais aguda, já que muitos pré-vestibulandos enfrentavam limitações materiais, rotinas de trabalho, responsabilidades familiares e instabilidade de acesso à internet. A docência, portanto, não se limitava à preparação para exames; precisava lidar também com a fragilidade dos vínculos produzida pelo ensino remoto e com o desafio de sustentar presença pedagógica em um ambiente atravessado por ausências, câmeras fechadas, inte-

rações descontínuas e cansaço acumulado. Nesse quadro, o ensino remoto não foi entendido apenas como formato técnico, mas como condição social da experiência. A aula virtual reorganizou tempos, modos de atenção, expectativas de presença e até mesmo a percepção do que significava participar. O vínculo pedagógico precisou ser reconstruído sem o apoio de gestos cotidianos próprios da sala presencial (entrada, deslocamento, intervalo, conversa lateral, permanência após a aula), o que tornou mais visível o quanto o processo educativo depende de mediações afetivas, de ritmo compartilhado e de reconhecimento mútuo. A sala remota, em muitos momentos, expôs com nitidez a desigualdade de condições para estudar e permanecer.

No plano concreto da organização do trabalho, as aulas da frente de obras literárias foram distribuídas entre dois professores voluntários e duas turmas de aproximadamente 20 estudantes, o que exigiu divisão de tarefas, alinhamento de objetivos e construção de duas frentes complementares de mediação. Havia, de um lado, a necessidade de acompanhar o programa das leituras cobradas nos vestibulares; de outro, o compromisso de não transformar esse acompanhamento em treinamento mecânico de interpretação. A experiência também foi atravessada por um dado decisivo da trajetória do docente: o período coincidia com a conclusão do último semestre da graduação em Direito. Isso significou que a docência no cursinho não ocorria em paralelo a uma rotina estável, mas no entrecruzamento de provas, fechamento de ciclo universitário, trabalho intelectual intenso e preocupação generalizada com a pandemia. Longe de ser um detalhe biográfico irrelevante, esse ponto ajuda a compreender a forma como certos temas ganharam centralidade nas aulas. A formação jurídica, especialmente em áreas ligadas a violência estatal, encarceramento, desigualdade e acesso à justiça, oferecia chaves de leitura que dialogavam de modo direto com o repertório dos Racionais MC's. Ao mesmo tempo, o fato de ensinar literatura enquanto concluía uma formação em outra área reforçou a percepção de que a docência crítica se constrói também em trânsito entre saberes, e de que a sala de aula popular pode ser um espaço privilegiado de articulação entre leitura literária, experiência social e formação interdisciplinar. As duas frentes de trabalho também exigiram coordenação constante quanto ao recorte dos conteúdos, ao ritmo das discussões e ao equilíbrio entre aprofundamento e avanço do programa. Em um cursinho popular, em que o tempo é curto e a pressão dos exames é permanente, qualquer escolha de leitura precisa justificar sua permanência. Por isso, a presença dos Racionais MC's foi sempre sustentada por articulações com habilidades interpretativas, repertórios exigidos nos vestibulares e discussões que pudessem, ao mesmo tempo, preparar para a prova e alargar o horizonte crítico da turma.

No desenvolvimento da proposta, as aulas foram organizadas para estabelecer pontes entre os conteúdos de literatura e interpretação textual exigidos no percurso formativo dos estudantes e as letras dos Racionais MC's, tratadas como textos passíveis de leitura rigorosa, análise temática, interpretação crítica e articulação com outros repertórios. O trabalho pedagógico não teve como meta substituir o cânone literário nem propor oposição simplista entre cultura escolar e cultura popular; buscou, antes, tensionar a fronteira que tradicionalmente

separa o que é reconhecido como produção legítima de linguagem daquilo que costuma ser relegado à condição de material periférico, complementar ou apenas motivacional. Em consonância com a estrutura do próprio cursinho naquele período, as aulas ocorreram remotamente e foram articuladas a leituras guiadas, comentários em tempo real, discussão oral, indicação de relações intertextuais, retomada de temas exigidos pelos vestibulares e acompanhamento das dificuldades dos pré-vestibulandos. O rap foi assumido como linguagem capaz de concentrar experiência histórica, crítica social, elaboração estética e densidade discursiva, o que permitiu aproximar o conteúdo escolar da experiência social dos estudantes sem reduzir o texto a documento sociológico nem banalizar sua dimensão formal. Em vez de funcionar como “isca” para chamar atenção, as letras foram tratadas como produção capaz de sustentar leitura minuciosa, comparação com outras obras e reflexão sobre quem pode falar, em que condições fala e por que certas vozes ainda precisam lutar para serem reconhecidas como intelectualmente legítimas (Freire, 1996; Adorno, 1995; Faria, 2018; Zanardine, 2015). Em vários momentos, a mediação exigiu interromper o automatismo de leituras prontas, tanto as mais moralizantes, que reduzem a letra a mensagem edificante, quanto as mais sociologizantes, que a transformam em mero documento da pobreza urbana. A proposta foi insistir na forma: quem fala, para quem fala, com que imagens, com que ritmo, com que tensão entre experiência particular e generalização social. Essa atenção à materialidade do texto foi decisiva para que a aula não caísse na armadilha de usar a cultura popular apenas como atalho de engajamento.

Entre as atividades realizadas, a canção “A Vida É Desafio” ocupou lugar central por condensar, de forma particularmente intensa, questões que atravessavam tanto o universo temático do artigo quanto a própria experiência docente. Em aula, a música foi trabalhada não apenas como letra conhecida ou elemento de identificação imediata, mas como formulação crítica de um dilema estrutural presente na vida de sujeitos periféricos: a tensão entre a possibilidade de sonhar e a urgência de sobreviver. Quando a letra enuncia a escolha entre “sonhar ou sobreviver”, explicita a compressão do horizonte de futuro imposta pela desigualdade, pela precariedade e pela lógica de uma vida organizada sob restrição material; quando afirma que a vida é “batalha, desafio”, não oferece consolo abstrato, mas nomeia uma condição histórica em que a permanência exige coragem, vínculo comunitário e recusa à naturalização da derrota (Racionais MC's; Afro-X, 2002). A leitura da canção permitiu discutir com os estudantes como, nas periferias, o sonho não aparece como luxo ou fantasia desligada do real, mas como forma de insistir na vida contra a redução da existência à mera sobrevivência. Em ambiente remoto, essa discussão ganhou uma camada adicional: a pandemia havia intensificado inseguranças materiais, luto, sobrecarga doméstica e sensação de suspensão do futuro, de modo que a tensão entre projeto de vida e sobrevivência deixou de ser apenas tema da canção e passou a ressoar diretamente na experiência dos próprios estudantes. A presença de imagens ligadas à família, ao encarceramento, ao desemprego, à rua e à ausência de oportunidades ampliou o debate sobre comunidade, pois mostrou que a exclusão não se distribui apenas no plano individual: ela atravessa laços,

reorganiza expectativas e produz efeitos coletivos. A atividade favoreceu, assim, não só a interpretação textual, mas também a elaboração de uma leitura social mais aguda do país, aproximando a aula de literatura de uma prática de reflexão sobre realidade, território e pertencimento. Ao longo do processo, os resultados parciais apareceram tanto na recepção das atividades quanto nas formas de participação dos estudantes. Em comparação com aulas centradas exclusivamente nas obras canônicas, observou-se, nos registros do docente, maior uso do chat, mais intervenções orais e maior disposição para relacionar os textos discutidos em aula a experiências concretas de bairro, trabalho, família e discriminação. Estudantes que costumavam se manter silenciosos em discussões mais tradicionais passaram a comentar versos, propor interpretações e aproximar trechos das letras de temas recorrentes em outras leituras obrigatórias dos vestibulares; outros, já familiarizados com o repertório, começaram a notar camadas de voz poética, narratividade, imagens e crítica social que a escuta cotidiana nem sempre exigia. Também houve situações em que a letra serviu de ponto de apoio para que estudantes verbalizassem percepções sobre violência policial, desigualdade territorial e falta de oportunidades educacionais, ainda que de forma breve ou indireta, algo menos frequente em encontros dedicados apenas a textos canônicos. Nem todas as reações foram homogêneas: houve desconforto diante da dureza dos temas, do teor político das letras e de determinadas referências religiosas, o que reforçou a necessidade de mediação atenta e contextualizada. Esses movimentos mostraram que a potência pedagógica do repertório não se realiza automaticamente; ela depende da forma como o docente orienta a leitura, acolhe interpretações diversas e sustenta criticamente sua presença em sala de aula. Em contexto remoto e pandêmico, esse cuidado se mostrou ainda mais necessário, já que a dispersão, a fadiga digital e a fragilidade dos vínculos ameaçavam continuamente a consistência do trabalho pedagógico (Fialho; Neves, 2022). O trabalho com a canção também produziu um efeito importante sobre a temporalidade da aula. Em vez de conduzir os estudantes diretamente para respostas esperadas, a leitura da letra abriu pausas, desvios e retomadas que permitiram pensar o texto por mais de uma entrada: a experiência individual, a condição de classe, a violência institucional, a dimensão familiar, o medo, a esperança, a ambição e a culpa. Em ambiente remoto, essa desaceleração interpretativa teve valor pedagógico especial, porque contrariava a lógica acelerada e dispersiva que muitas vezes caracteriza o estudo online.

IMPACTOS LOCAIS OBTIDOS

No contexto em que foi desenvolvida, a proposta produziu impactos perceptíveis no plano da participação estudantil, da relação entre currículo e comunidade e da legitimidade atribuída às referências culturais dos alunos. O primeiro desses impactos esteve ligado à ampliação do sentimento de pertencimento. Nos registros de aula, a entrada dos Racionais MC's na disciplina de literatura fez com que repertórios já presentes na vida dos estudantes deixassem de ocupar o lugar de referência informal, íntima ou marginal e passassem a ser tratados como linguagem legítima de leitura, análise e reflexão. Isso se manifestou de maneira

concreta quando estudantes que raramente se engajavam em debates sobre obras canônicas passaram a intervir com mais frequência, sobretudo ao comparar versos das músicas com situações de violência, ausência de oportunidades e estigmatização vividas ou observadas em seus territórios. Em vez de um ganho restrito à motivação, o que se percebeu foi uma mudança na relação com o próprio ato de ler: a literatura deixou de aparecer como objeto distante e passou a funcionar como linguagem para pensar o real, elaborar incômodos e disputar sentidos sobre a própria experiência social. Em ambiente remoto, onde a dispersão e o desligamento eram riscos permanentes, esse movimento teve valor ainda maior, porque a identificação com o repertório funcionou como ponto de reentrada na aula e de retomada do vínculo pedagógico (Freire, 1996; Dayrell, 2002; Zanardine, 2015). Em algumas situações, o ganho de pertencimento aparecia em gestos discretos, mas significativos: estudantes comentavam que “agora dava para entender melhor por que aquilo estava numa aula de literatura”, retomavam trechos da música em encontros posteriores ou faziam relações entre o repertório trabalhado e outras obras cobradas nos vestibulares. Esses indícios, embora não sistematizados por instrumento formal, sugerem que a legitimação do repertório produziu não apenas adesão momentânea, mas reposicionamento do estudante diante da disciplina e de sua própria bagagem cultural.

Outro impacto importante apareceu na dimensão cultural e institucional da prática. Ao trabalhar com um repertório que, por muito tempo, foi lido de forma preconceituosa ou reduzido à condição de expressão menor, a proposta contribuiu para tensionar hierarquias culturais que ainda atravessam o ensino de literatura e os processos de legitimação do conhecimento. Esse aspecto ganhou ainda mais força quando articulado ao movimento mais amplo de reconhecimento institucional dos Racionais MC's, como se observou com a inclusão do álbum “Sobrevivendo no inferno” entre as leituras obrigatórias do Vestibular da Unicamp, com a realização de aula aberta dedicada ao grupo na universidade e, mais tarde, com a concessão do título de Doutor Honoris Causa, marcos que reforçam o lugar do grupo como intérprete crítico da sociedade brasileira (Universidade Estadual de Campinas, 2018; Universidade Estadual de Campinas, 2022; Universidade Estadual de Campinas, 2025). No plano local, essa circulação ampliada fortaleceu a legitimidade da proposta desenvolvida no cursinho e ajudou a sustentar, pedagogicamente, a defesa de que a cultura periférica não precisa aguardar chancela externa para ser levada a sério, mas pode e deve ser reconhecida desde já no espaço formativo. Para os estudantes, isso representou a percepção de que suas referências não estão condenadas ao lugar do desvio ou da exterioridade; para o docente, significou a confirmação de que o currículo pode ser tensionado de dentro, por meio de escolhas conscientes que ampliem o campo do que se lê, do que se discute e do que se considera intelectualmente relevante. Esse impacto cultural se torna ainda mais expressivo quando se observa que a legitimação institucional do rap não elimina automaticamente sua desconfiança escolar. O fato de a universidade reconhecer o valor crítico dos Racionais MC's abre espaço, mas não substitui o trabalho cotidiano de mediação em sala, onde preconceitos, hierarquias simbólicas e expectativas curriculares ainda operam com força. A experiência do cursinho

mostrou precisamente isso: a chancela externa ajuda, mas o reconhecimento efetivo se realiza na prática concreta da leitura compartilhada.

Os efeitos do projeto também precisam ser lidos à luz da especificidade do momento histórico em que ocorreram. Em 2021, depois de um longo período de suspensão de atividades presenciais, o ensino remoto ainda carregava as marcas do imprevisto emergencial, do desgaste emocional e da desigualdade digital. A própria normativa da USP reconhecia exaustão de docentes, estudantes e servidores, bem como a necessidade de adequações locais diante de realidades bastante diferenciadas entre unidades e cursos (Universidade de São Paulo, 2021). Estudos sobre o período mostram que o isolamento social e a migração abrupta para o remoto produziram sobrecarga de trabalho, reconfiguração das rotinas de estudo e maior dependência de recursos tecnológicos nem sempre disponíveis em condições equânimes (Bollela; Medeiros; Telles, 2021; Fialho; Neves, 2022). Nesse cenário, o uso dos Racionais MC's ajudou a enfrentar um problema que não era apenas didático, mas também relacional: como manter uma aula viva, crítica e socialmente relevante quando a experiência coletiva da sala se encontra mediada por telas, atrasos, falhas de conexão e câmeras desligadas? O repertório funcionou, nesse sentido, como operador de presença. Não resolveu as limitações do remoto, mas contribuiu para torná-lo menos inóspito ao aproximar o conteúdo escolar de uma linguagem carregada de memória social e de reconhecimento comunitário. Em sentido mais amplo, a experiência sugere que a pandemia não apenas dificultou o ensino; ela tornou mais evidente quais estudantes dependem mais intensamente da escola, da universidade e de projetos de extensão para manter vínculo com o conhecimento. O remoto expôs a falsa ideia de que todos partem de condições equivalentes para estudar. Nesse aspecto, o cursinho popular funcionou como observatório privilegiado das desigualdades que atravessam o acesso ao ensino superior e a preparação para ele.

Também houve efeitos na própria compreensão da docência e no modo como o trabalho pedagógico passou a ser percebido. A experiência mostrou que ensinar literatura, em um contexto popular e remoto, implica muito mais do que selecionar textos e transmitir interpretações consagradas; implica decidir quais vozes entram na sala de aula, quais experiências podem ser escutadas como conhecimento e quais formas de sofrimento social deixam de ser tratadas como pano de fundo para se tornarem matéria de análise. Esse impacto recaiu tanto sobre o público-alvo imediato quanto sobre a prática docente em si, pois a mediação com os Racionais MC's exigiu planejamento mais cuidadoso, escuta mais atenta e maior consciência do peso político das escolhas curriculares. O fato de a experiência ter sido vivida simultaneamente à conclusão do último período da graduação em Direito reforçou a percepção de que a docência, longe de ser exercício neutro, é atravessada por formações, repertórios e posicionamentos que influenciam a leitura do real. Ao mesmo tempo, o estudo permitiu reconhecer sua limitação metodológica: os impactos apresentados são de natureza qualitativa e se baseiam em registros de observação e memória, não em instrumentos retrospectivos padronizados. Essa limitação, contudo, não anula os efeitos observados; antes, indica a necessidade de tornar futuras experiências mais sistemáticas no registro da recepção

discente e no acompanhamento de seus desdobramentos formativos (Adorno, 1995; Faria, 2018; Magalhães; Ruiz, 2011; Schilling; Miyashiro, 2008). A docência, assim, deixou de ser compreendida apenas como aplicação de conteúdo e passou a ser percebida como trabalho de presença, seleção, escuta e decisão. Ensinar remotamente, em contexto pandêmico, para turmas populares e com repertórios marcados por estigma, exigiu elaborar permanentemente o equilíbrio entre planejamento e abertura ao inesperado. Esse aprendizado talvez seja um dos resultados mais duradouros da experiência: a compreensão de que toda prática pedagógica crítica precisa ser, ao mesmo tempo, intelectualmente rigorosa e sensível às condições concretas em que os estudantes vivem e estudam.

Considerações finais e recomendações

A experiência analisada permitiu compreender que o uso das letras dos Racionais MC's no ensino de literatura pode produzir efeitos pedagógicos, sociais e culturais consistentes quando sustentado por mediação docente intencional, leitura rigorosa e escuta efetiva do contexto em que os estudantes estão inseridos. Mais do que ampliar o repertório trabalhado em sala, a proposta evidenciou que determinadas escolhas curriculares têm impacto direto sobre os modos de participação, pertencimento e reconhecimento no espaço educativo. Ao legitimar uma linguagem historicamente marcada pelo estigma e frequentemente situada fora das formas tradicionais de consagração escolar, a prática contribuiu para deslocar a percepção de que apenas certos textos, autores ou matrizes culturais seriam capazes de sustentar reflexão crítica. Os resultados indicam que o trabalho com os Racionais MC's favoreceu maior engajamento discente e uma relação mais densa entre leitura literária e experiência social, ainda que esses resultados tenham sido observados qualitativamente por meio de participação oral, intervenções no chat e comentários espontâneos, e não por instrumentos formais de mensuração. O contexto em que a experiência ocorreu amplia ainda mais seu sentido: segundo semestre de 2021, ensino remoto, pandemia ainda em curso, conclusão do último período de uma graduação em Direito e atuação docente em um cursinho popular que precisava, ao mesmo tempo, preparar para os vestibulares e sustentar vínculo humano em meio à exaustão coletiva. Nessa chave, “A Vida É Desafio” permaneceu como síntese expressiva do percurso, porque recolocou no centro da aula a tensão entre sonho e sobrevivência e devolveu à prática docente uma pergunta decisiva sobre o papel da escola em contextos atravessados pela precariedade: se ensinar é também disputar horizonte, então a leitura não pode se afastar das formas concretas pelas quais os sujeitos elaboram dor, resistência e permanência (Freire, 1996; Adorno, 1995; Racionais MC's; Afro-X, 2002). Se houve um aprendizado central, ele talvez esteja no fato de que a experiência não confirmou uma fórmula, mas uma exigência: a de que o ensino de literatura precisa se deixar afetar pelos contextos históricos em que acontece. Em 2021, esse contexto era o da pandemia, do remoto, da instabilidade material e da conclusão de um ciclo formativo do próprio docente. Ignorar isso teria significado produzir uma aula formalmente correta, porém socialmente cega.

Como recomendação, a experiência aponta para a necessidade de consolidar práticas pedagógicas que articulem literatura, cultura popular e formação crítica de maneira metodologicamente consistente, sem cair nem na idealização superficial da representatividade nem na reprodução de um formalismo curricular que neutraliza conflitos sociais ao tratá-los apenas como conteúdo temático. Isso implica reconhecer que a inserção de repertórios periféricos no espaço escolar exige preparação docente, fundamentação teórica, contextualização histórica e disposição para lidar com recepções diversas, tensões interpretativas e possíveis resistências institucionais. Em termos futuros, recomenda-se que propostas semelhantes sejam ampliadas com instrumentos de registro mais sistemáticos da experiência discente, como diários de campo, portfólios, produções escritas, questionários de devolutiva e comparação entre diferentes repertórios culturais mobilizados em aula. Também se mostra promissora a continuidade desse tipo de trabalho em cursinhos populares, escolas públicas e projetos de extensão, inclusive em formatos híbridos ou digitais, já que a experiência pandêmica mostrou que a mediação pedagógica precisa ser pensada também para contextos de instabilidade, afastamento físico e desigualdade tecnológica. Mais do que ampliar materiais didáticos, trata-se de revisar a própria ideia de literatura, de docência e de conhecimento legítimo, reconhecendo que vozes historicamente marginalizadas não entram na escola para serem apenas toleradas, mas para serem lidas, discutidas e levadas a sério. Nesse sentido, a experiência vivida em 2021 não deve ser tratada como exceção encerrada pelo retorno presencial, mas como campo de aprendizagem sobre permanência, vínculo, território e criação pedagógica em tempos críticos. A ampliação de escopo sugerida por esse percurso envolve, portanto, mais do que adicionar temas contemporâneos ao currículo. Envolve repensar a própria arquitetura da aula, especialmente em cenários de crise, para que ela possa sustentar formação intelectual sem se desligar das condições materiais e afetivas da aprendizagem. A experiência remota de 2021 deixou como legado precisamente essa pergunta sobre como construir presença, densidade e vínculo quando a escola e a universidade são atravessadas por ruptura.

Referências

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BOLLELA, V. R.; MEDEIROS, I. S.; TELLES, S. **Educação remota em tempos de pandemia**: reflexões no contexto acadêmico. *Medicina (Ribeirão Preto)*, Ribeirão Preto, v. 54, supl. 1, e-184771, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/184771>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- DAYRELL, J. **O rap e o funk na socialização da juventude**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DE RIBEIRÃO PRETO. **Projeto pedagógico vigente a partir do 2º semestre de 2021**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://fcfrp.usp.br/wp-content/uploads/sites/528/2022/04/PP-vigente-a-partir-do-2o-sem-2021.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FARIA, P. P. de. **Racionais MC's e Paulo Freire**: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH-SP, 24., 2018, Assis. Anais eletrônicos... Assis: ANPUH-SP, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1525721958_ARQUIVO_resumoanpuh2018.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. **Professores em meio ao ensino remoto emergencial**: repercussões do isolamento social na educação formal. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e260256, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/F9qCnFrgWnhhtkpgjpZcpSfS/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/items/bfd4a2e6-2c4b-47b3-9376-9fb259fe1440>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- FRISON, L. M. B.; SÁ-CHAVES, A. M. da V. S. **Abordagem (auto)biográfica**: narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 198-206, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/download/8705/6357/32666>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- MAGALHÃES, R. de C. B. P.; RUIZ, E. M. **Estigma e currículo oculto**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 17, n. esp. 1, p. 125-142, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/NkxmGbzTdgVWP4JctFZY4KG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- RACIONAIS MC'S; AFRO-X. A vida é desafio. In: RACIONAIS MC'S. **Nada como um dia após o outro dia**. [S. l.]: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. Faixa musical. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4mZu6NuOntvYZqCZPrxTqT>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SCHILLING, F.; MIYASHIRO, S. G. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 243-254, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/dPKVFyfN6PDnQFkFsj7P4wK/>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- SOUZA, J. M. P. de; SENNA, L. A. G. **A narrativa (auto)biográfica na pesquisa em educação**: uma prática de linguagem reflexiva. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 8, n. 23, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10785>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Portaria GR nº 7670, de 12 de agosto de 2021**. Dispõe sobre o retorno às atividades presenciais na Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2021. Disponível em: <https://leginf.usp.br/portarias/portaria-gr-no-7670-de-12-de-agosto-de-2021/>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Unicamp divulga lista de obras de leitura obrigatória para o vestibular 2020**. Campinas: Unicamp, 23 maio 2018. Disponível em: <https://www2.unicamp>.

[br/unicamp/noticias/2018/05/24/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2020/](https://www2.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/05/24/unicamp-divulga-lista-de-obras-de-leitura-obrigatoria-para-o-vestibular-2020/). Acesso em: 6 abr. 2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Racionais MC's e estudantes compartilham trajetórias em aula na Unicamp**. Campinas: Unicamp, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://www2.unicamp.br/unicamp/noticias/2022/12/01/racionais-mcs-e-estudantes-compartilham-trajetorias-em-aula-na-unicamp>. Acesso em: 6 abr. 2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Em dia histórico na Unicamp, Racionais MC's recebem título de Doutor Honoris Causa**. Campinas: Jornal da Unicamp, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/07/em-dia-historico-na-unicamp-racionais-mcs-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa/>. Acesso em: 6 abr. 2026.

ZANARDINE, J. H. **O Hip Hop do Racionais MC's**: ressignificando a aprendizagem da Língua Portuguesa pela produção de textos significativos. In: OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE, 2015, Curitiba. Cadernos PDE. Curitiba: SEED/PR, 2015. v. 1. Disponível em: https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_port_artigo_joel_hypolito_zanardine.pdf. Acesso em: 6 abr. 2026.